

POD CAST JHSP



Japan House

Episódio 08

Vem aí: o que esperar do cinema japonês nos próximos anos

Natasha: Sejam bem-vindos à terceira temporada do podcast da Japan House São Paulo. Eu sou a Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da instituição, e quero te convidar pra vir comigo em mais uma viagem pelo Cinema Japonês. Bom, como num bom filme, o tempo passou voando e a gente já tá no nosso oitavo e último episódio. Eu já tô com saudades, Pedro!

Pedro: Nem me fala, Natasha. Só de pensar que eu não vou ter uma desculpa na ponta da língua pra parar tudo e assistir a um filme japonês, eu até fico triste. Mas, enfim, como se precisasse de desculpa pra isso, né?

Natasha: Pois é, até parece. Pedro, nessa temporada a gente voltou os olhos e os ouvidos pra tudo que a gente julgasse dizer respeito ao cinema japonês. Entraram na roda os samurais, um monte de animação do Studio Ghibli, umas criaturas assustadoras e outras nem tanto...

Pedro: A gente também passou um pente fino na performance do cinema japonês nas premiações ao longo dos anos, colocou uma lupa nas adaptações literárias para o cinema e, no episódio passado, dedicamos um capítulo inteiro pra falar sobre as mulheres no cinema japonês.

Natasha: Assunto não faltou. E, bom, vocês devem ter reparado que, fora uma exceção ou outra, a gente sempre tava olhando para trás na hora de abordar o cinema japonês, certo?

Pedro: Correto. A gente tem quase uma obsessão em contextualizar tudo tim tim por tim tim e localizar os filmes e diretores historicamente na época em que eles viviam no Japão...

Natasha: E aí, no episódio passado, enquanto a gente tava falando da mulher no cinema japonês, que é uma tendência a ser vista ainda mais no futuro do que no presente e no passado da história do cinema no Japão, a gente achou que seria interessante fazer um exercício de continuar olhando pra frente.

Pedro: Perfeito. E, claro, como a gente não tem bola de cristal ou qualquer outro tipo de artefato que consiga nos revelar o futuro com clareza, vamos dar uma passeada por alguns sucessos mais recentes e tentar esse exercício arriscado que a Natasha propôs: palpitar sobre o que vem por aí.

Natasha: Hoje, no último episódio da terceira temporada do podcast da Japan House São Paulo, a gente debate o Futuro do Cinema Japonês.

Natasha: E aí, Pedro, por onde a gente começa?

Pedro: Eita, Natasha! Você coloca esse abacaxi no meu colo e ainda quer que eu descasque?

Natasha: Bom, o bambambã do cinema aqui é você, né, eu admiro profundamente o cinema como um todo, mas não arrisco nem de longe a alcunha de especialista. Se o assunto fosse artes visuais, você ia ver como eu ia tirar onda.

Pedro: Tá bom. Cê também tira onda no quesito argumentação. Deixa eu ver por onde começamos... Acho que por onde a gente terminou no episódio passado, que tal?

Natasha: Opa, achei a ideia excelente. Afinal, várias diretoras contemporâneas acabaram ficando de fora do nosso apanhado. A primeira que a gente vai trazer hoje aqui é a Miwa Nishikawa.

CACAU IDEGUCHI: Acho que ela é, assim, uma diretora fenomenal...

Pedro: A Cacau Ideguchi aparece tanto aqui no podcast que eu nem sei mais se é preciso apresentá-la pros ouvintes.

Natasha: Verdade, e a gente agradece a ela demais pela disponibilidade de sempre. Mas, pra quem ainda não relaciona diretamente a voz à pessoa, a Cacau é especialista em cinema japonês e produtora de conteúdo da página sobre cultura japonesa Japonismos, no Instagram. Voltemos à Miwa Nishikawa.

CACAU IDEGUCHI: (...) ela tem um caminho muito interessante, porque quando a gente está falando de mulher na direção, a gente não consegue

não falar de gênero, de problemas relacionados ao gênero. Então, todas as questões que essas diretoras encontram e todas as soluções que elas trazem, têm a ver com o fato de elas serem mulheres.

Natasha: Tá uma coisa que eu acho interessantíssima sobre a Nishikawa — e o porquê dela ser a diretora ideal pra abrir um episódio que aborda o futuro do cinema japonês. A Nishikawa sempre foi questionadora. Ela nunca aceitou o, entre aspas, papel que era reservado às mulheres no cinema japonês. E, pra questionar com ainda mais propriedade todas essas problemáticas, ela se dedicou a estudar essas questões.

CACAU IDEGUCHI: Ela pensou muito sobre isso. Ela é tida como uma diretora intelectual. É como se ela tivesse criado uma persona de uma forma muito bem programada para ela e para ela não ser lida como uma diretora mulher, sabe esse recorte de gênero? Ela não é uma diretora de filmes: ah, ela faz filmes para mulheres, ela é uma diretora mulher. A Nishikawa, ela não queria isso. Então, quando ela vai criar a sua persona como uma diretora de cinema, e isso é bem interessante até das pessoas depois olharem, sempre que você for ver a biografia da Nishikawa, sempre vai estar escrito que ela é formada em Waseda em Literatura. Então, ela coloca ela num local de intelectualidade que ela quer marcar desde o começo: olha, eu estou fazendo isso, mas eu tenho um background muito diferenciado. Eu não fiz um técnico de cinema, não. Eu fiz uma universidade mesmo e com esse background que ela tem em literatura, ela faz questão de assinar os roteiros dela. Ela pega os roteiros e transforma em livros. Os livros, né, que foram transformados dos roteiros, ganharam prêmios de literatura. Então você vai construindo uma questão de "olha, eu não estou fazendo filmes aqui de brinks. Eu estou pensando a respeito deles".

Pedro: "Eu não tô fazendo filme aqui de brinks" foi ótimo, viu. E ela não tá mesmo. A Nishikawa, a gente pode dizer que ela segue um pouco a linha do Kore-eda, que a gente já comentou tanto aqui anteriormente, mas com uma personalidade muito própria. Os filmes dela puxam um pouquinho mais para o lado do humor e isso traz uma leveza que a gente não vê, por exemplo, nos filmes do Kore-eda e, aliás, não vê muito no cinema japonês de modo geral.

Natasha: Muito bem observado, Pedro. A Nishikawa acabou influenciando uma nova geração inteira de jovens diretoras. Mas quem vai contar isso pra gente é a Juliana Trevisan, mestranda em psicologia e super fã de cinema japonês, que também apareceu no episódio passado. E ela começa essa lista de diretoras que têm ditado o rumo do futuro do cinema japonês com a...

Juliana Trevisan: Naoko Oigami (...) Ela faz filmes muito, muito bonitos. São muito, muito sinceros também.

Pedro: São mesmo, viu. Mas, antes de entrar no argumento dos filmes da Oigami, eu queria trazer aqui um pouquinho da biografia dessa diretora. A Naoko Oigami se formou na

Universidade de Chiba e logo depois se mudou para os Estados Unidos, pra aprofundar os estudos sobre cinema na Universidade do Sul da Califórnia.

Juliana Trevisan: Mas voltando para o Japão, parece que, beleza, eu aprofundei meus estudos, mas a minha realidade é essa, então, o que eu vou mostrar é isso, o contexto histórico, social, político que eu vou mostrar nos meus filmes é o que eu to vivendo, mesmo que tenha um estudo em outro país.

Natasha: Bom, dito e feito. De volta pra casa, os filmes da Oigami ganharam uma cara de Japão. Eles são bastante conhecidos por trazerem narrativas minimalistas, estrangeiros tentando lidar com lugares e realidades novas, e também uma reverência ao espiritual.

Pedro: Mas, Natasha, como o assunto é futuro, a Juliana me lembrou de uma cineasta ainda mais jovem que a Oigami, a Yoko Yamanaka. A Yoko Yamanaka nasceu em 1997. Natasha, você acredita que a gente já tá assistindo filmes de gente que nasceu em 1997? Pra mim, a ficha demora a cair. E a trajetória impressionante dela não para por aí, não. Conta pra gente, Juliana.

Juliana Trevisan: Ela fez o primeiro filme com 19 anos. Então, uma pessoa que faz um primeiro filme com 19 anos é uma coisa sensacional. Eu queria, na verdade, conhecer mais a fundo como é que foi gravar esse filme, né? Porque foi um filme feito com 2.500 dólares, que eles gastaram um quinto do valor para consertar um carro que bateu durante as filmagens. Então, foi feito com 2.000 dólares. Então é um filme que foi um orçamento muito curto, que é o Amiko, né, de 2017. E que traz essa coisa né, de ter um tom cínico e autodepreciativo ali, que tem um pouco de comédia e que aproxima a gente do filme. E tem uma coisa de ser meio Lady Bird, assim. Pelo jeito da protagonista falar as coisas, e se colocar ali.

Natasha: Eu fui pesquisar as últimas coisas que a Yamanaka lançou e, em 2019, foi lançado um filme dela que, traduzido pro inglês, saiu como See You on the Other Side. Aborda um relacionamento poligâmico entre duas mulheres e um homem. Só por esse plot, a gente tira que as mulheres tão tendo muito mais liberdade na direção de seus filmes no Japão. Ainda bem, né.

Pedro: Ainda bem, Natasha. E, olha, eu vou driblar mais uma vez essa coisa de "tentar adivinhar o futuro" do cinema japonês e deixar essa resposta e tanto pra Cacau Ideguchi. Ouve só o que ela me disse:

CACAU IDEGUCHI: O que é o futuro agora para a mulher no Japão? Claro que é muito difícil de planejar. Eu vou falar, então, o que eu gostaria que fosse. Eu gostaria que de fato a gente conseguisse nos próximos anos, nas próximas décadas, ter essa abertura para as mulheres não terem medo de tratar de qualquer tema que elas queiram tratar. E não que não seja necessário você fazer todo um processo de se blindar para ser validado, para ser levado a sério. Isso é o ponto principal. Eu acho que a

diretora mulher, ela sofre isso no mundo todo. Com a internet já fica muito mais simples, elas conseguem subir alguma coisa numa plataforma. Elas conseguem fazer acordos diretos com streamings internacionais. Então pode ser que no futuro, com essa facilidade, ela se apropriando dessa nova tecnologia, dessa nova possibilidade, nós no Exterior, consigamos ter mais acesso e conseguir validar, pelo menos fora, esse trabalho delas. Não sei se esse vai ser o futuro, mas é um futuro que acho que vislumbro que possa ser possível.

Natasha: Nossa, que assim seja. A gente vai amar assistir a todas as possibilidades de filmes que as diretoras japonesas do futuro têm pra nos oferecer.

Pedro: Eu fico animado só de pensar! E sabe outra coisa que também já me deixa animado há muito tempo? Quem conta é a Mikannn, youtuber que a gente já ouviu aqui no podcast:

Mikannn: Toda hora aparece uma matéria dizendo que o Hayao Miyazaki saiu da aposentadoria e está fazendo um filme novo. E aí, virou um negócio meio Pedro e o Lobo sabe? De falarem toda hora e ninguém mais acreditar, ninguém mais levar a sério.

Natasha: Bom, eu não vou negar que se eu tivesse a idade do Miyazaki e a bela aposentadoria que ele deve ganhar, eu também ficaria enrolando de sair do meu bem bom pra ir fazer mais um filme, né? Ainda mais depois de tanto de clássico que esse homem já criou.

Pedro: Pois é, Natasha. E é engraçado que, por mais que todo mundo já saiba que esse filme do Miyazaki tá em produção, vira e mexe algum site requebra o assunto como se fosse uma grande novidade. O Miyazaki já anunciou há anos que tá fazendo esse filme, só não revelou quando vai ficar pronto.

Natasha: Parece a nossa roteirista quando o prazo aperta, hein? Brincadeira, ela é ótima — na maior parte das vezes. Nossa super roteirista. Mas voltemos à Mikannn.

Mikannn: Já faz um tempão que rolou esse anúncio de que ele saiu da aposentadoria. E muitas vezes o que acontece é só que a mídia estadunidense, ocidental, brasileira, pega uma notícia sobre alguma novidade do filme que ele está fazendo agora. E aí, acham que a notícia que está embutida nisso é que ele está fazendo um filme novo, sendo que é um filme que está em desenvolvimento há anos, né?

Pedro: Sim, a gente sabe desde 2017 que tá vindo aí um novo filme do Miyazaki. Então, você pode imaginar aí o que são quase cinco anos de ansiedade minha, da Mikannn e de todo o resto do mundo que adora o Studio Ghibli, né? Mas animação é assim mesmo, demora muito tempo.

Natasha: Eu também tô ansiosa, mas vocês também tão em auto-enganação, né? Claro que ia demorar. Não só porque fazer animação deve dar um trabalho do cão, mas vocês já viram como é o processo criativo do Miyazaki? Quem ainda não viu, eu recomendo jogar

no Google assim que esse episódio acabar. Já até viraram meme por aí uns frames retirados do documentário Dez Anos Com Hayao Miyazaki. Ele enrola, sai da mesa de desenho, fuma um cigarrinho, volta e encara o papel; procura algo pra comer, fuma outro cigarrinho, enrola mais um pouco, enfim.

Pedro: Eu adoro esses frames do Miyazaki procrastinador — um deles é inclusive a foto do nosso grupo no Whatsapp. Mas voltando ao filme inédito que ainda tá em produção e que seria, enfim, a despedida definitiva do diretor, a Mikannn lembrou pra gente que esse papo do Miyazaki não é novidade. Ele faz essa ameaça de que o próximo vai ser o último filme desde 1999, com A Princesa Mononoke.

Mikannn: O Hayao Miyazaki vive anunciando que ele vai se desapontar mesmo, isso é normal. Ele fala sempre "Ah, e agora chega, agora eu não quero mais". Aí ele realmente dá uma parada, mas volta porque artista é assim, o artista não se aposenta de verdade, normalmente. E então ele está há alguns anos já fazendo esse filme, que é a adaptação de um livro que se chama Como vocês vivem, como vocês podem viver?

Natasha: Isso, Mikannn. Ainda não tem tradução em português, mas o livro que inspirou o filme, do escritor Yoshino Genzaburo, foi traduzido pro inglês como How Do You Live? Em uma entrevista recente pro New York Times, o Miyazaki e Toshio Suzuki, o produtor do Studio Ghibli, falaram um pouco sobre o que a gente pode esperar desse retorno do diretor aos cinemas.

Pedro: A primeira coisa que a gente pode destacar é que vai ser em 2D! Ainda bem. Não que eu seja totalmente purista, mas um filme de animação em 2D é bom demais! O último filme do Ghibli, aliás, o Aya e A Bruxa, dirigido pelo filho do Miyazaki, o Goro, foi o primeiro do estúdio filmado inteiramente em animação 3D. E, aqui, vale só uma diferenciação: não é aquele 3D do óculos, o chamado 3D estereoscópico, que a gente tá habituado a falar aqui no Brasil. É o 3D técnica de animação mesmo, que dá volume aos personagens e cenários.

Natasha: Também prefiro em 2D, viu, Pedro? No estilo clássico Miyazaki. Mas, de volta ao nosso roteiro, o produtor Toshio Suzuki contou na entrevista que o próximo filme do Miyazaki será como uma forma dele se despedir do netinho. Abre aspas: "É a maneira dele dizer 'o avô vai para outro mundo, mas deixa esse filme para você'". Que fofo, né? E que presentão de despedida.

Pedro: Muito lindo. E, Natasha, sobre o processo de produção do filme, o Suzuki explicou que o filme tá todo sendo desenhado a mão, por 60 animadores!

Só pra vocês terem noção, Meu Amigo Totoro, o primeiro sucesso do Miyazaki, contou com oito animadores. Eu tenho certeza de que o resultado vai fazer valer a espera. E a Mikannn também:

Mikannn: Então eu acho que quando as pessoas fazem piada com isso, eu fico nossa, mas por que cês tão reclamando, é mais um filme do real Miyazaki! É tudo o que eu queria, sabe? Então eu fico bem feliz, na verdade, que ele desista do plano de aposentadoria.

Natasha: Ainda no tópicos animação, Pedro, eu queria fazer uma aposta.

Pedro: Opa, diga.

Natasha: Eu acho que, com a consolidação dos serviços de streaming, as animações japonesas que já alcançavam os jovens do mundo todo vão conseguir ir ainda mais longe.

Pedro: Eu vou te acompanhar nessa aposta, Natasha. Eu li no ano passado, numa entrevista do Kohei Obara, o diretor de criação de anime da Netflix, que mais da metade da audiência da plataforma assistiu animes em 2021. A maior porcentagem por país de assinantes que viam animes tava, claro, no Japão: nada menos que 90% do público assistiu ao gênero.

Natasha: Tá vendo só? Em 2022, a plataforma anunciou o lançamento de 40 animes originais. Quarenta! É animação à beça.

Natasha: E, Pedro, voltando às nossas apostas...Eu sei que muita gente deve tá esperando a gente falar do Hirokazu Kore-eda, por causa d'O Assunto de Família, ou do Ryusuke Hamaguchi, pelo Drive My Car, já que os dois foram os maiores sucessos do cinema japonês contemporâneo... Só que a gente não tem dúvida alguma que tanto o Kore-eda quanto o Hamaguchi vão continuar lançando filmes maravilhosos. Então, decidimos aproveitar o espaço pra poder falar sobre aqueles talentos que, apesar de não terem feito tanto barulho por aqui, são nomes nos quais a gente tem que ficar de olho e depois ainda tirar onda de que já conhecia antes da fama.

Pedro: Isso mesmo, Natasha. E pra isso eu pedi a ajuda de um amigo meu, o Filipe Furtado, um super crítico de cinema e um cara antenadíssimo, que sabe tudo o que tá rolando de novo lá fora. Eu vou recomendar que o ouvinte pegue uma caneta ou abra o bloco de notas do celular, porque vem muita sugestão boa por aí.

Natasha: E a gente relembra aqui que, pra quem quer saber mais, vale dar um pulo lá no site da Japan House pra ver os conteúdos extras que a gente compilou. Bom, pra aquecer, a gente pediu pro Filipe fazer um contextão do cinema japonês dos últimos anos.

FILIFE FURTADO: O cinema japonês teve uma certa crise razoável quando a indústria passou por um certo colapso nos anos 80, que às vezes é exagerado, porque acho que tem muitos filmes interessantes nesse período, mas é real o fato de que a produção diminuiu, as condições de realização certamente não são as mesmas, e esse foi um processo longo de reconstrução. Isso não é tão completamente diferente do que aconteceu no Brasil, em certo momento. Os americanos começaram a dominar mais a praça de exibição. O espaço para os filmes se reduziu e isso acabou tendo efeitos claros na produção. Eu acho que no começo dos 2000, em particular, foi um momento bem rico de renovação de realizadores.

Natasha: E essa saída desse colapso no cinema deu força pra que um monte desses

jovens diretores que a gente já citou aqui no podcast conseguissem tirar do papel ideias maravilhosas. Como, por exemplo, o...

FILIFE FURTADO: Hamaguchi, que no momento está fazendo bastante sucesso e que era um cara que já estava ali trabalhando, tinha uns bons dez, 12 anos. Na hora que você pensa no cinema japonês hoje, a primeira coisa que vem à mente ainda tende a ser alguns caras que estão aí há muito tempo trabalhando, por exemplo, o Kiyoshi Kurosawa, que foi professor do Hamaguchi, o próprio Takashi Miike, o próprio Kitano. Mas eu acho que tem algumas figuras que eu acho que estão menos conhecidas do público brasileiro que eu acho que vale a pena destacar.

Pedro: Boa, Filipe, tá na hora de conhecer filmes e diretores novos.

Natasha: O primeiro dos diretores que o Filipe listou pra gente se chama Nobuhiro Yamashita. Como vários outros dos diretores que a gente abordou por aqui, ele também frequentou a Universidade de Artes de Osaka. Desde a faculdade já dava pra apostar que ele ia longe: o TCC dele, digamos assim, um filme chamado Hazy Life, ganhou o Grande Prêmio da Competição Off Theatre no Festival Internacional de Cinema Fantástico de Yubari de 2000.

Pedro: E não parou por aí. Ele também ganhou o prêmio de Melhor Diretor no Hochi Film Award em 2007 por A Gentle Breeze in the Village e The Matsugane Potshot Affair. Bom, cês devem ter notado que a gente falou a maior parte dos títulos em inglês, né? E como o nosso inglês anda mais afiado que o nosso japonês, a gente optou por citar os títulos nesse idioma.

Natasha: Um terreno linguístico muito mais seguro. Vamos ouvir o que o Filipe tem pra dizer do Nobuhiro Yamashita.

FILIFE FURTADO: Nobuhiro Yamashita, que começou a filmar na virada do século, mais ou menos, 99 ou 2000, que faz filmes geralmente muito voltados a personagens jovens e que tem um retrato muito bem construído dos universos que ele realiza. Eu especialmente gosto de um filme chamado Linda, Linda, Linda, do meio dos anos 2000, que é sobre um grupo de adolescentes que estão montando uma banda de rock, elas passam o filme todo ensaiando a mesma música, eu acho muito bonito.

Natasha: E a gente não traduziu o Linda Linda Linda não, viu? O nome do filme é esse mesmo. O título foi inspirado na canção Linda Linda, de 1987, da banda de punk rock japonês The Blue Hearts. Coloca um pedacinho aí produção!

Pedro: Tá vendo que não é só a gente que faz essa mistura de idiomas? Mas agora eu quero um filme que conte a história de como esse grupo de punk rock japonês acabou escrevendo uma canção chamada Linda Linda.

Natasha: A gente vai ter que encomendar pro Yamashita. Se existir uma musa inspiradora pra canção, é bem capaz que ele tope a empreitada, porque o Filipe contou que os filmes dele abordam, principalmente, a vida de adolescentes e jovens mulheres.

FILIFE FURTADO: O Yamashita tá aí trabalhando bem regularmente já tem algum tempo. Tem um outro filme que eu gosto bastante, chamado Tamako in Moratorium, que acho que nunca passou aqui no Brasil, que também é sobre uma jovem, mulher ali, de 20 e poucos anos, naquela idade pós-faculdade e sem saber muito o que fazer da vida. E o filme eu acho que tem um retrato muito bom desse universo. De um modo geral, o Yamashita tem um olho muito bom para este tipo de personagem.

Pedro: Pois é, Natasha. Lembra que a gente comentou sobre o humor no cinema japonês? Que talvez não seja, digamos assim, o forte se a gente olhar o conjunto da produção do país. O Yamashita é uma exceção dessas. Ele usa bastante humor nos filmes dele. Tem um filme dele, por exemplo, chamado Ramblers, de 2003, que tem uma sequência espetacular. São dois jovens que tão conversando com uma garota num balcão de um bar e eles começam a falar dos assuntos mais aleatórios, lembra inclusive um pouquinho aqueles diálogos do Tarantino, sabe? Bom, e retomando o comentário do Filipe, um personagem que saiu da faculdade e que não sabe muito bem o que vai fazer da vida é uma figura que tem em todos os cantos, em todos os países. Alô, Renata de Almeida, da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, bora trazer esse filme pro festival!

Natasha: E se a Renata e outros curadores tiverem nos ouvindo, a gente vai continuar aqui na audácia de dar mais indicações. A gente não, né, o Filipe. Ele tem mais uma dica que pode ajudar a gente a decifrar o futuro do cinema japonês: a diretora Akiko Ohku

FILIFE FURTADO: É uma diretora que tá fazendo filmes muito interessantes voltados para o retrato da mulher japonesa hoje. Ela fez um filme que eu acho muito, muito legal, que chama Tremendo dos pés à cabeça, em 2017, e um outro agora, ano retrasado chamado Hold Me Back. São ambos filmes assim que são retratos de mulheres ali chegando nos 30 anos, muitas indecisões na vida. Em ambos os filmes elas têm uma possibilidade romântica, mas ao mesmo tempo não querem definir elas por isso. É quase o contrário, de certa forma, são filmes que lidam muito com a ideia de que você tem uma pressão na sociedade japonesa para formar casal e se resolver na vida. E as personagens estão meio perdidas a respeito disso.

Pedro: E pra manter a tradição de diretores que foram alunos de outros grandes diretores, a Akiko Ohku foi aluna do Kiyoshi Kurosawa. Mas voltemos aos filmes Hold Me Back e Tremendo dos pés à cabeça — cujo nome eu achei espetacular.

FILIFE FURTADO: No Tremendo, a personagem principal, basicamente ela é obcecada por um cara que ela conheceu e ao longo do filme vai percebendo que aquilo não faz muito sentido. E no Hold me back é quase o contrário. Um entregador com quem ela se encontra regularmente convida ela para sair e isso vira um pânico para ela, porque ela está tão

acostumada com a ideia de ser solteira que a ideia de que um homem está interessado nela meio que vira a cabeça dela pra baixo. Geralmente, as personagens dos filmes dela sofrem de ansiedade de uma maneira ou de outra e assim eu acho que é um tipo de retrato que você não costuma ver o cinema dando muito conta.

Natasha: Personagens com ansiedade são realmente o retrato de uma geração inteira, né? Taí uma diretora cujos filmes deveriam tá rodando o mundo todo. Já coloquei na minha lista aqui esses dois filmes dela pra gente assistir – e que felicidade ver mais uma diretora mulher no nosso podcast.

Pedro: Alegria tremenda! Acho que essa é uma previsão que a gente pode cravar: cada vez mais realizadoras japonesas conseguindo se estabelecer no cinema mundial.

Natasha: Exatamente. Sobre a Akiko Ohku e o Nobuhiro Yamashita, o Filipe ainda deu um arremate final:

FILIFE FURTADO: Eu acho que esses são realizadores que têm uma pegada muito interessante, que acho que conseguem fazer coisas inovadoras bem próprias do cinema japonês, mas que ao mesmo tempo são bastante específicas, que eu acho que são refrescantes e ao mesmo tempo respondem bem tanto a sociedade japonesa quanto, vamos dizer assim, à tradição do cinema japonês, que acho mereciam ser melhor conhecidos.

Pedro: E com sorte serão. Natasha, acho que todos os filmes que a gente viu hoje — com exceção da animação do Miyazaki, que realmente foi uma previsão, ainda não foi lançado —, todos eles mostram que as temáticas abordadas no cinema do Japão têm se modernizado junto com a própria sociedade japonesa.

Natasha: Total. Filmes com mulheres protagonistas não só nas telas, mas também por trás das câmeras; personagens que são imperfeitos de acordo com o que a sociedade determina.

Pedro: Tem também as falhas de comunicação que são tão presentes em nosso cotidiano e, ao mesmo tempo, tão contraditórias pelo fato de que estamos cada vez mais conectados; um intercâmbio cultural, uma troca com o Ocidente muito mais explícita...

Natasha: E um interesse internacional no cinema do Japão — mas enfim também em outras cinematografias orientais — num tipo de filme que vá além dos estereótipos do que o ocidente conhece daquele país.

Pedro: E, Natasha, acho que não tem como pensar no futuro do cinema japonês, sem voltar a falar sobre o Kore-eda. E nem adianta revirar o olho aí, não, ouvinte, a gente já falou dele, sim, disse no episódio que não ia falar mais nada sobre ele, mas eu queria puxar o Kore-eda pra roda por causa duma reflexão que o Walter Salles trouxe no nosso papo com ele.

Natasha: Eu já sei exatamente de que momento da conversa com o Walter você tá falando. A gente tava conversando sobre o filme Assunto de Família, que garantiu ao Kore-eda a Palma de Ouro em 2018, e aí o Walter sinalizou como não só esse, mas o restante dos filmes desse diretor, acabam funcionando como um reflexo do próprio Japão contemporâneo.

WALTER: A maioria dos filmes do Kore-eda trata da lenta decomposição das famílias japonesas hoje. Que, na verdade, é um tema que Ozu, que é o grande mestre, por exemplo, do segundo período de ouro do cinema japonês, tratou de uma maneira extraordinária, com uma economia de meios, retomando sempre histórias na mesma cidade, sempre em Tóquio, desde Tóquio Monogatari e com os mesmos atores. Então você vê naquele lento passar do tempo, uma mudança não só comportamental, mas também uma mudança da própria questão identitária japonesa. O Kore-eda refaz isso hoje com instrumentos muito diferentes e com um grau talvez mais agudo, devido às crises do próprio modelo de desenvolvimento japonês hoje. Mas o tema não é dissociado daquele que o Ozu desenvolvia com uma precisão incrível nos anos 40, 50, 60. Essa é uma maneira de reformular constantemente a partir das mesmas bases. Se reinventar a partir da mesma temática. Um pouco como os templos de madeira, são refeitos a cada 30, 40 anos, mas respeitando aquela arquitetura.

Pedro: Um cinema que, assim como são os templos de madeira japoneses, é feito por cima daquela estrutura que veio antes. Sempre com muito respeito.

Natasha: Acho que, nem se a gente tivesse encomendado uma fala de conclusão, o Walter conseguiria encerrar melhor essa temporada do podcast da Japan House São Paulo. Pedro, foi um super prazer. Muito obrigada.

Pedro: Puxa Natasha, eu agradeço demais. Foi uma super honra estar com vocês. Eu aprendi demais com todo mundo. Espero que a gente tenha feito muito ouvinte por aí sair em busca de pelo menos um dos filmes que a gente apresentou por aqui.

Natasha: Eu já estou super mal intencionada, com uma lista interminável de filmes para ver. Além de agradecer muito o Pedro, queria agradecer muito todo mundo que ouviu a gente e, um agradecimento especial a todo mundo que fez esse podcast sair do papel. O nome deles vêm agora nos créditos.

Natasha: O podcast da Japan House São Paulo é uma produção da Rádio Novelo. A produtora e roteirista é a Clara Rellstab. A edição é da Claudia Holanda O tratamento de roteiro é do Tiago Rogero e da Miyuki Teruya. A sonorização é da Júlia Matos, e a mixagem é da Pipoca Sound. A música original é da Mari Romano. A estratégia de promoção é da FêCris Vasconcellos. Os conteúdos para redes sociais foram feitos pelo Tércio Saccol e pela Laura Ashley. A identidade visual é de Thiago Minoru. A coordenação da Japan House São Paulo é de Miyuki Teruya e o conteúdo digital da Japan House SP é de Thelma Nakae e Júlia Casadei. No site da Japan House, você encontra mais conteúdo a respeito dos

filmes que a gente trouxe no programa. Eu, Natasha Barzaghi Geenen, diretora cultural da Japan House São Paulo, apresento esta temporada na companhia do Pedro Butcher. Até mais, Pedro.

Pedro: Até mais, Natasha. Bom, eu espero que a gente se encontre por ai, nas sessões de filmes japoneses.